

RECUPERAÇÃO

JORNAL DA TARDE

19 ABR 1984

Economia Brasil

É o que mostram os números do IBGE. Mas há dúvidas.

A indústria cresceu 12,58% em fevereiro deste ano em comparação com o mesmo mês do ano passado; no primeiro bimestre, o crescimento industrial alcançou 8,10%, também em comparação com 1983. Estes números, divulgados ontem pela Fundação IBGE, estão sendo recebidos com grande desconfiança por alguns empresários. "O governo está utilizando informação pouco confiável para fazer a campanha da recuperação da economia", comentou ontem no Rio o presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimentos, Ary Waddington (foto).

Ele disse que o governo tenta criar junto à opinião pública uma imagem de recuperação desmentida pela realidade. São usados índices que "não têm validade em termos de avaliação e são totalmente desacreditados pelo povo, como os da inflação".

— É triste verificar que, com base sem consistência como o índice de produção industrial, se tenta fazer uma campanha de exagerado otimismo.

Waddington explicou a acusação, dizendo que o IBGE, comandado por Jessé Montello, tido como homem de confiança do ministro Delfim Neto, está tomando como base de comparação — para alardear a reativação —, os índices de 1983, os mais baixos dos últimos dez anos.

Em Porto Alegre, o presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, César Rogério Valente, manifestou-se "bastante cético" quanto às notícias de reativação, qualificando como "uma interessante coincidência o fato de estes números serem divulgados no mesmo momento em que o ministro do Planejamento passou a fazer um apelo público ao otimismo, para a eliminação do que ele considera aspectos psicológicos muito fortes no processo inflacionário".

Ele diz que a economia continua em situação "fortemente recessiva. E o contexto de grandes dificuldades vai agravar-se agora com o aumento dos combustíveis, aumento aliás que não se justificaria porque, além da maior produção interna, em termos externos os preços estão estáveis e até apresentam diminuições reais".

— Não há razões para estes continuados aumentos, a não ser para a elevação da arrecadação de impostos, que vão de 57% a 70% sobre o preço final dos combustíveis. É uma maneira de o governo fazer caixa, mas



os resultados disso sobre a inflação serão imediatos. Então, não adianta o governo querer fazer uma reversão psicológica.

Ainda em Porto Alegre, durante o seminário "Brasil em Exame", dois políticos, o senador Pedro Simon, do PMDB, e o deputado Jarbas Lima, do PDS, concordaram no diagnóstico sobre as últimas passeatas: "O povo está na rua porque não está satisfeito

com a realidade que está vivendo. O povo não quer apenas diretas já; quer mudanças já; com uma nova política econômica.

O professor Stephen Kanitz, da USP, defendeu a renegociação da dívida que separa o pagamento dos juros da parcela correspondente à inflação norte-americana, incorporada ao serviço da dívida, segundo ele, por um erro de contrato que o atual governo insiste em não denunciar.

— Estamos no limite tênue do extremo perigo —, advertiu o professor Adroaldo Moura da Silva, também da USP, lembrando a frase de Antônio Ermírio de Moraes.

Concordou que a atual recuperação só beneficia setores exportadores, podendo "evitar uma nova queda da produção econômica brasileira em 1984, como ocorreu em 83. A situação atual, mesmo melhor que a anterior, ainda é ruim, porque o aumento da produção não é apropriado internamente na forma de renda para o trabalhador. Este aumento é feito para sustentar o pagamento do serviço da dívida externa, transformando-se numa transferência real para o resto do mundo".

E explicou: "A recuperação do setor industrial brasileiro navega nas águas da expansão da economia norte-americana, que tem um déficit comercial gigantesco, previsto em US\$ 100 bilhões este ano. Isso transborda como demanda para vários países, inclusive o Brasil, que gera uma produção interna para atender a esta demanda".

Outro fato a considerar "é a relação câmbio/salário. Enquanto o câmbio acompanha velozmente a taxa de inflação, o salário corre por baixo. Então a queda do salário real, medida em moeda estrangeira, empurra o produto industrial para o mercado internacional".

A inflação permanece alta em razão dos frequentes reajustes do câmbio, dos derivados do petróleo e de outros insumos básicos. "Nós precisamos parar de fazer o que está sendo feito nos últimos meses. Antes o câmbio era reajustado quatro vezes por mês, agora são seis vezes, e isto não é necessário."

Ele não concorda que as desvalorizações mais frequentes sejam necessárias para assegurar a competitividade do produto no Exterior. "A competitividade é garantida pelo arrocho salarial", disse ele, prevendo que, mantida a atual política, a inflação ficará em 170% este ano.